

A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO EM TEXTOS DO GÊNERO MEMORIAL POR ALUNOS DE UM CURSO DE TRADUTOR E INTÉRPRETE

Sandro Luis SILVA

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP

Resumo: Este texto objetiva socializar os resultados parciais da análise de textos argumentativos produzidos por alunos do terceiro semestre do curso de Tradutor e Intérprete de uma Universidade privada de São Paulo. Os textos versam sobre a importância da língua portuguesa para o exercício profissional do tradutor e intérprete. Nossa pesquisa procura evidenciar constituição do *ethos* discursivos desses alunos em texto do gênero memorial. Por meio de uma pesquisa qualitativa, a análise parte dos estudos da Análise do Discurso de linha francesa, sobretudo em Maingueneau (2004, 2008, 2010). Em relação ao texto, apoiamos-nos em Marcuschi (2005), Koch & Elias (2009) e Koch (1999). Foram selecionados, aleatoriamente, para esta apresentação, cinco textos, nos quais procuramos mostrar os elementos linguísticos usados pelos produtores textuais que explicitam a imagem que, naquela enunciação textual, é criada. Pode-se afirmar que os alunos demonstram consciência da importância do conhecimento linguístico para o tradutor e intérprete, fato este explicitado na própria elaboração dos textos por eles apresentados.

Palavras-chave: Gênero discursivo memorial. *Ethos* discursivo. Curso Tradutor e Intérprete.

THE CONSTITUTION OF DISCURSIVE ETHOS TEXTS OF GENDER IN MEMORIAL FOR STUDENTS FROM A COURSE OF TRANSLATOR AND INTERPRETER

Abstract: This paper aims to socialize the partial results on the analysis of argumentative texts produced by students from the third semester of the Translator and Interpreter course in a private University in São Paulo. The texts deal with the importance of English for professional translator and interpreter. Our research seeks to highlight the discursive constitution of the *ethos* from these students on the text genre memorial. Through a qualitative research, the analysis on the Discourse Analysis studies in a French perspective, especially in Maingueneau (2004, 2008, 2010). Regarding the text, we rely on Marcuschi (2005), Koch & Elias (2009) and Koch (1999). Were randomly selected for this presentation, 05 texts, in which we try to show

the linguistic elements used by textual producers that explain the image, in which textual enunciation, is created. It can be argued that students demonstrate awareness of the importance of linguistic knowledge for translator and interpreter, a fact explained on the proper elaboration of texts submitted by them.

Keywords: Gender discourse memorial. Discursive ethos. Course Translation and Interpretation.

LA CONSTITUCIÓN DEL ETHOS DISCURSIVO EN TEXTOS DEL GÉNERO MEMORIAL DE LOS ESTUDIANTES DE UN CURSO DE TRADUCTOR E INTÉRPRETE

Resumen: Esta investigación busca demostrar los resultados parciales del análisis de los textos argumentativos producidos por los estudiantes del tercer semestre del curso de traductor e intérprete de una Universidad privada de São Paulo. Los textos tratan de la importancia del Inglés para el traductor e intérprete profesional. El análisis pretende observar la constitución discursiva del ethos de estos estudiantes en esos textos de género memorial. Para el aspecto cualitativo de la investigación, el análisis se basa en los estudios de análisis del discurso de línea francesa, especialmente en Maingueneau (2004, 2008, 2010). Ya en cuanto al análisis de los textos, se basa en Marcuschi (2005), Koch y Elias (2009) y Koch (1999). Se seleccionaron, en un orden aleatorio, para esta presentación, 05 textos, para demostrar los elementos lingüísticos utilizados por los productores textuales, que explicitan la imagen que se crea en la enunciación textual. Se puede argumentar que los estudiantes demuestran estar conscientes de la importancia de los conocimientos lingüísticos para el traductor e intérprete, hecho explícito en la propia elaboración de los textos presentados por ellos.

Palabras clave: Género discursivo memorial. *Ethos* discursivo. Curso de Traducción e Interpretación.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não há o que contestar em relação ao fato de que a comunicação exerce um papel fundamental em toda e qualquer área do conhecimento. Não se pode pensar no ser humano sem ligá-lo à comunicação, à interação, à socialização com seus pares. Interagir é inerente ao ser humano, é característica que o leva a viver em sociedade, buscando encontrar-se e encontrar o Outro dentro da realidade em que está inserido.

É válido afirmar que o processo de interação ocorre por meio da linguagem que, de acordo com Benveniste,

É para o homem um meio, na verdade, o único meio de atingir o outro homem, de lhe transmitir e de receber dele uma mensagem. Consequentemente, a linguagem exige e pressupõe o outro. A partir deste momento, a sociedade é dada com a linguagem. Por sua vez, a sociedade só se sustenta pelo uso comum de signos de comunicação. (BENVENISTE, 1995, p. 93, volume I)

Numa perspectiva bakhtiniana, podemos afirmar que a linguagem é inerentemente dialógica. A figura do outro é imprescindível na construção do discurso, pois não se pode pensar o homem fora de suas relações. Como afirma o estudioso russo, “Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponto lançada entre mim e os outros” (BAKTHIN, 1986, p. 13).

Nos cursos de formação inicial de futuros profissionais, o professor precisa colocar-se como mediador na leitura e na produção de textos – orais e escritos – e, diversamente do que vem se repetindo no ensino tradicional em que o conteúdo programático se sobrepõe às pessoas, terá de garantir ao aluno o direito de ele se sentir um sujeito ativo no processo de construção do conhecimento, seja de qual área ele for.

Dessa forma, diante do novo contexto que se configura nos cursos superiores, a finalidade da disciplina Língua Portuguesa precisa estar pautada em um dos eixos centrais na formação inicial acadêmica do aluno. Ela precisa, de fato, definir, por um lado, os conteúdos e, por outro, as estratégias, normalmente buscadas entre comparações, exemplos, textos autênticos, enfim, situações de comunicação reais que façam com que o trabalho desenvolvido em todas as atividades da disciplina testemunhe a preocupação com a área em foco, preparando o aluno para lidar com as diferentes situações de comunicação no exercício profissional. Cabe lembrar que o curso Tradutor e Intérprete é dividido em seis semestres, sendo que em 4 deles há a disciplina Língua Portuguesa.

Dentre as diversas estratégias usadas no processo de ensino-aprendizagem, elaboramos uma atividade de produção textual escrita, no final do semestre, utilizando o gênero memorial. Os alunos teriam que mostrar, a partir de uma narrativa-argumentativa, a importância da língua portuguesa para a formação inicial do profissional da área de tradução e interpretação, sendo, portanto, essa a tese a ser defendida pelos alunos, tendo em vista a tipologia que permeia o gênero discursivo proposto.

De acordo com Koch (2000, p. 23),

A argumentação constitui atividade estruturante de todo e qualquer discurso, já que a progressão deste se dá, justamente, por meio das articulações argumentativas, de modo que se deve considerar a orientação argumentativa dos enunciados que compõem um texto como fator básico não só de coesão, mas principalmente de coerência textual.

No curso de Tradutor e Intérprete, cabe à disciplina Língua Portuguesa promover uma reflexão sobre a importância dos mecanismos linguísticos para a leitura e a produção de textos – orais e escritos – nos diferentes gêneros, nos quais os alunos se mostrem capazes de considerar o gênero como uma prática social, troca de ideias, enfim, a interação entre os pares. E, ainda, vislumbrar a língua em uso nas diferentes situações enunciativas, por meio de atividades que visem à prática de leitura e de produção textual, proporcionando ao aluno à exteriorização de sua alteridade, tendo em vista que ele se torna um sujeito construtor de discursos.

Schneuwly & Dolz (2004) consideram que o gênero constitui-se em um princípio mediador entre as práticas sociais e os objetos escolares, já que por meio dele é possível levar o aluno à interação social, à argumentação, por exemplo, facultando-lhe o direito de construir sentidos para o texto, numa atitude ativa, crítica e reflexiva, relacionando-a com a realidade da qual faz parte. Para esses autores, os gêneros textuais são práticas sociointeracionistas.

Nosso objetivo é socializar uma atividade de produção textual, a partir da escrita de um memorial, por meio do qual analisamos o *ethos* discursivo do aluno naquela enunciação.

Foram escolhidos, aleatoriamente, 5 textos dentre 32, a partir dos quais procuramos evidenciar o *ethos* discursivo que se constrói do aluno do curso Tradutor e Intérprete de terceiro semestre, noturno, de uma Universidade particular na cidade de São Paulo. Procuramos mostrar os elementos linguísticos usados pelos produtores textuais que explicitam a possível imagem que, naquela enunciação, é criada pelo leitor. Evidenciamos, ainda, os elementos que possibilitam o posicionamento do enunciador face à tese proposta na atividade, uma vez que, como apontamos anteriormente, os alunos deveriam, à medida que fossem relatando os fatos, posicionar-se criticamente.

Para atingir este objetivo, este texto está dividido em três partes. Na primeira, denominada “O gênero textual ‘memorial’”, procuramos apontar as principais características do gênero, as quais permearam a análise dos objetos deste estudo. Em seguida, trouxemos algumas reflexões sobre o *ethos* discursivo, sobretudo na óptica de Maingueneau (2004, 2008 e 2010), como veremos. A terceira parte do artigo constitui-se na análise propriamente dita, seguida das considerações finais e das referências.

1. O GÊNERO TEXTUAL “MEMORIAL”

É sabido que linguagem e realidade se prendem simultaneamente. Como ensina Geraldi (2001, p. 89), ao retomar Benveniste:

A linguagem só é possível porque cada locutor se apresenta como sujeito remetendo a ele mesmo como eu no seu discurso. Por isso, eu pressupõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a mim, torna-se o meu eco – ao qual digo tu e que me diz tu.

A compreensão da realidade, pois, só pode ser alcançada quando a linguagem é bem utilizada, bem apreendida. Sabe-se que a compreensão de um enunciado é condição *sine qua non* para que o indivíduo exercite de forma consciente a sua cidadania, numa prática engajada em busca do encontro do ser humano com a realidade da qual faz parte, como o “mundo” em que está inserido.

Uma estratégia possível de ser utilizada no trabalho em sala de aula é aquela em que se priorizam os diferentes gêneros textuais, independentemente se tratar de escola básica ou curso superior.

Segundo Marcuschi (2005, p.19), “Os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia a dia. São entidades sócio-discursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa”.

Os gêneros, na verdade, correspondem a elementos que promovem a interação social. Por isso, são

Eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. Surgem emparelhados a necessidades e atividades sócio-culturais[1], bem como na relação com inovações tecnológicas, o que é facilmente perceptível ao se considerar a quantidade de gêneros textuais hoje existentes em relação a sociedades anteriores à comunicação escrita (MARCUSCHI, 2005, p. 19).

Segundo Maingueneau (2002), os gêneros são tidos como dispositivos de comunicação que aparecem em condições sócio-históricas. O gênero é fundamental no processo de ensino-aprendizagem, pois é utilizado como meio de articulação entre a teoria e práticas sociais e os objetos escolares, no domínio da produção textual oral e escrita, como apontam Schneuwly & Dolz (2004), mencionados anteriormente.

Dentre os vários gêneros que estão presentes no processo de comunicação e, por extensão, no processo de ensino-aprendizagem, optamos pelo memorial que, segundo Arcoverde & Arcoverde (2007, p. 2),

É um gênero textual rico e dinâmico que se insere na “ordem do relatar”, isto é, gênero que relata fatos da memória, documentação de experiências humanas vivenciadas. O memorial pode ser considerado, ainda, como um gênero que oportuniza as pessoas expressarem a construção de sua identidade, registrando emoções, descobertas e sucessos que marcam a sua trajetória. É uma espécie de “diário”, no qual você pode escrever suas vivências e reflexões. É também um

gênero que pode ser usado para que você marque o percurso de sua prática, enquanto estudante ou profissional, refletindo sobre vários momentos dos “eventos” dos quais você participa e ainda sobre sua própria ação.

O gênero memorial constitui-se em uma atividade de produção textual cujo objetivo é fazer aflorar não só as lembranças, mas também as informações que possam dar sentido (ou novo sentido) ao presente. Ele é um relato que reconstrói uma trajetória, numa dimensão reflexiva; quem relata se faz como sujeito que se autointerroga e deseja compreender-se como o sujeito de sua própria história e, assim, coloca-se como voz discursiva. Vale lembrar que a experiência, ao contrário da vivência, é refletida, pensada, e pode-se tornar algo consciente que construirá uma nova identidade.

Esse gênero textual, o memorial, é um processo registrado que possibilita refletir sobre nossas vivências, experiências e memórias. Magda Soares (1991) é uma das defensoras do memorial; ela afirma que o memorial possibilita refletir sobre o “por que fez, para que fez e como fez” (p. 25), buscando conhecer o passado, pensar no passado, não buscando o que viveu, mas, o que estava pensando quando viveu (SOARES, 1991).

Este gênero textual nos remete à ideia de memória, a qual, para Certeau (1994), caracteriza-se não só como um depositário de lembranças, mas também como uma possibilidade de mudança. Para ele, a memória é uma arte, construída por clarões e fragmentos, detalhes que são lembrados. Para ele a memória é móvel, cada lembrança dela é modificada a cada momento em que é lembrado, “longe de ser relicário, ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita” (CERTEAU, 1994, p.131). É nesse sentido que propusemos aos alunos a escrita de memoriais, a fim de que eles pudessem não só exercitar a produção textual escrita, como também fazer uma leitura do que fora trabalhado na disciplina Língua Portuguesa durante o semestre, a fim de levá-los a uma reflexão crítica sobre a importância da língua materna na formação inicial e no exercício profissional do tradutor e intérprete.

2. O *ETHOS* DISCURSIVO

Muito se tem escrito, pesquisado e divulgado em diferentes eventos acadêmicos sobre o *ethos* discursivo, tratado pela análise do discurso. O tema ganhou maior relevância e interesse a partir da década de 60, quando pesquisadores dessa área procuraram compreender as transformações pelas quais o conceito de *ethos* tem passado, seja em textos orais, seja em textos escritos.

Nos anos 80, Ducrot associa o conceito de *ethos* à eficácia do discurso, de forma a privilegiar o texto escrito. Introduce uma caracterização pragmática da noção de *ethos* em que distingue o mostrar do dizer – o *ethos* deve mostrar-se na enunciação, mas não ser o objeto do discurso:

Não se trata das afirmações elogiosas que o orador pode fazer sobre sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que, pelo contrário, correm o risco de chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe conferem o ritmo, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, dos argumentos [...]. Em minha terminologia, eu diria que o *ethos* se acha ligado a L, o locutor propriamente dito: é na qualidade de fonte da enunciação que ele se vê revestido de determinadas características que, por ação reflexa, tornam essa enunciação aceitável ou recusável. (apud MAINGUENEAU, 2009, p. 38).

Maingueneau (2009) afirma que a noção de *ethos*, em seu desenvolvimento histórico, bem como nas reinterpretações atuais, pode parecer, a princípio, simples, no entanto, envolve diversas dificuldades. Segundo o autor, embora o *ethos* esteja ligado ao ato de enunciação não é possível ignorar a construção das representações do *ethos* do enunciador feita pelo enunciatário, antes mesmo do seu pronunciamento. Para ele, é importante considerar a distinção entre *ethos discursivo* e *ethos pré-discursivo*. Essa distinção deve considerar a diversidade de tipos, de gêneros do discurso e de posicionamentos.

De acordo com o estudioso, todo texto escrito, mesmo que não admita, possui uma voz, um *tom* específico que autoriza o que foi dito e permite ao leitor edificar uma “caracterização do corpo do enunciador” (2009, p. 39), que não o do autor efetivo. Acrescenta,

assim, ao termo *ethos* a figura do *fiador*, que pode ser entendido como aquele que intermediaria o discurso com a finalidade de garantir seu efeito, que “por meio de seu *tom*, atesta o que foi dito” (2009, p. 43). Para ele,

A qualidade do *ethos* remete, com efeito, à imagem desse “fiador” que, por meio de sua fala, confere a si próprio uma identidade compatível com o mundo que ele deverá construir em seu enunciado. Paradoxo constitutivo: é por meio do seu próprio enunciado que o fiador deve legitimar sua maneira de dizer. (MAINGUENEAU, 2008, p. 37).

Ainda em relação ao *ethos*, Charaudeau e Maingueneau (2004, p. 220) consideram que o termo emprestado da retórica antiga designa

A imagem de si que o locutor constrói em seu discurso para exercer uma influência sobre seu alocutário. Essa noção foi retomada em ciências da linguagem e, principalmente, em análise do discurso no que se refere às modalidades verbais da apresentação de si na interação. O *ethos* faz parte, como o *logos* e o *pathos*, da trilogia aristotélica dos meios de prova. Adquire em Aristóteles um duplo sentido: por um lado designa as virtudes morais que garantem credibilidade ao orador, tais quais a prudência, a virtude e a benevolência; por outro, comporta uma dimensão social, na medida em que o orador convence ao se exprimir de modo apropriado a seu caráter e a seu tipo social. Nos dois casos trata-se da imagem de si que o orador produz em seu discurso, e não de sua pessoa real.

Levando-se em consideração a passagem transcrita acima, é possível inferir que em um texto, no caso deste estudo, do memorial, o enunciador leva seu enunciatário a construir uma imagem do enunciador por meio do discurso que é elaborado na interação entre eles.

Vale lembrar que, segundo Maingueneau (2010, p. 80), “para mostrar como, num mesmo movimento, a enunciação constrói certa ‘imagem’ do locutor e configura um universo de sentido que corresponda a essa imagem”. O enunciador [2] acaba por valer-se de determinadas estratégias de comunicação, seja por meio da linguagem verbal, seja por meio da não verbal, a fim de persuadir o interlocutor.

O produtor de um texto busca, (in)conscientemente, persuadir o seu leitor, a fim de que este venha a aderir a ideia colocada no texto. Nesse sentido, o *ethos* discursivo – do qual tratamos neste artigo – exerce um papel fundamental para além do enunciado; é com o sujeito apreendido em seu movimento, em seu estilo pessoal que o interlocutor entra em contato com o produtor, por meio do texto, aderindo (ou não) as ideias do produtor do texto.

3. O MEMORIAL E A CONSTITUIÇÃO DO *ETHOS* DISCURSIVO

Uma das ideias principais defendidas pelas diferentes teorias da comunicação é que o ser humano se comunica por meio de algum gênero. Daí a importância que o conceito de gênero assume na perspectiva sociointeracionista de produção linguística, como vimos anteriormente.

A produção textual possibilita ao aluno o trabalho com a língua em uso, atendendo às propostas do gênero, abrindo caminhos que o levem a perceber a intersecção do que se produz na vida acadêmica e o exercício profissional futuro.

É sabido que não existe um texto que seja “puro” em relação ao gênero. O que ocorre é o predomínio de uma tipologia, de acordo com a função social, de acordo com a intenção enunciativa. Recorrendo a Marcuschi (2005), lembramos que os gêneros textuais são constituídos por dois ou mais tipos, em geral. O memorial, por exemplo, objeto deste artigo, constitui-se por narração, descrição e argumentação.

O *corpus* deste artigo apresenta 5 memoriais, em que os enunciadores, além de relatar o que aconteceu durante as aulas de língua portuguesa no curso de tradução e interpretação, deveriam argumentar a partir desses fatos, levando em consideração a formação inicial do profissional desta área.

A atividade foi proposta em uma aula, quando explicamos aos alunos as questões estruturais, as temáticas, assim como os objetivos daquela produção escrita. Não foi entregue

nenhum roteiro para que seguissem. Ressaltamos que o importante seria não só relatar, mas se posicionar em relação ao que registrariam no texto.

Eles tiveram três semanas para preparar o texto, que deveria ser entregue digitado, obedecendo aos padrões da ABNT. Na aula estipulada, todos os trinta e dois alunos da turma entregaram o memorial. Fizeram, informalmente, alguns comentários muito positivos em relação à escrita, sem deixar de ressaltar que exigiu deles tanto o domínio dos mecanismos linguísticos para o texto escrito quanto um exercício de memória propriamente dito.

Em relação aos textos que constituem o *corpus* deste texto, podemos afirmar que todos evidenciam o objetivo proposto pela atividade, como veremos nas passagens transcritas a seguir.

S1[3], ao se referir ao memorial, afirma:

“Este texto tem como objetivo descrever as aulas de língua portuguesa I, bem como refletir a importância destas para a formação do tradutor e intérprete”.

S2 diz:

“O objetivo deste memorial é ilustrar mesmo que de forma simples qual o aproveitamento que (pronome relativo) pude tirar da matéria de Língua Portuguesa ao longo deste semestre”.

S3, assim como os dois anteriores, escreve:

“A escrita deste memorial tem por objetivo avaliar em que medida o curso de língua portuguesa contribuiu (e como contribuiu!) para minha formação inicial”.

S4, por sua vez, registra:

“Este memorial descritivo tem por objetivo apresentar a trajetória das aulas de Português, bem como refletir no que a disciplina contribuiu com o curso de tradutor e intérprete. Elaborar um memorial não é uma tarefa fácil. Portanto, para elaborar esse memorial, levei em consideração o quão as aulas corroboraram com a minha aprendizagem”.

E S5 assinala:

“O objetivo deste memorial é descrever as minhas impressões sobre as atividades e aprendizagens durante este semestre, os acertos, as vitórias, a importância relacionada às falhas e às dúvidas. Eu irei escrever e contar refletindo e vivenciando com minhas próprias palavras” (grifos do autor deste artigo).

É possível observar que eles registram a necessidade de se posicionarem em relação às aulas. Chamam a atenção para o fato de que o texto se propõe não só a relatar, como também avaliar o processo de ensino-aprendizagem da disciplina face à formação inicial. Portanto, o pressuposto é que, à medida que eles relatam o que ocorreu durante as aulas, haja um posicionamento crítico, o juízo de valores. Lembrando Koch (2000, p. 19), “a todo e qualquer discurso subjaz uma ideologia, na acepção mais ampla do termo. A neutralidade é apenas um mito (...)”. Acreditamos que a argumentação, na verdade, constitui-se em um efeito de linguagem, uma vez que todo e qualquer texto, independentemente de sua natureza, visa à persuasão.

A escolha lexical utilizada pelos sujeitos evidencia a consciência deles em relação à proposta feita, ou seja, além de relatar as aulas, faz-se necessário posicionar-se criticamente em relação ao processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, como apontam os termos grifados nos exemplos mostrados acima.

Podemos afirmar que, a partir dessas observações, é correto afirmar que o *ethos* dos sujeitos neste momento caracteriza-se por enunciadores conscientes da proposta dada pelo professor, assim como aquele que procura atender às necessidades de saber a importância de um memorial na formação inicial do tradutor e intérprete. Evidentemente que é levado em

consideração todo o contexto de produção, pois, como afirma Maingueneau, “o *ethos* se elabora, assim, por meio de uma percepção complexa, mobilizadora da afetividade do intérprete, que tira suas informações do material linguístico e do ambiente” (MAINGUENEAU, 2008 b, p. 16).

Para Pécora (1999, p.96), “qualquer uso de linguagem, desde que efetive um vínculo intersubjetivo, desde que se possa reconhecer nele um efeito de sentido, constitui uma argumentação”. No entanto, é consenso entre os estudiosos que na argumentação se reconhece a necessidade de constituir argumentos e provas, por meio de estratégias, que levem o interlocutor à persuasão.

Para persuadir o enunciatário, o enunciador vale-se de algumas estratégias argumentativas, que correspondem aos recursos utilizados – verbais e não verbais – para envolver o outro, a fim de gerar credibilidade e confiança. Vejamos, então, algumas dessas estratégias utilizadas pelos sujeitos, cujas produções textuais fazem parte do *corpus* deste artigo.

Nesse sentido, vamos examinar em que medida os produtores dos textos do *corpus* desta pesquisa atendem (ou não) à proposta feita e se mantêm coerentes à tese defendida, ou seja, a importância da língua portuguesa na formação inicial do profissional de tradução e interpretação.

De acordo com Koch (2000), comentar, como exige o texto argumentativo, é falar comprometidamente. Uma das estratégias argumentativas é a pessoa do discurso. Dos 5 sujeitos, 4 utilizam-se da primeira pessoa do plural, com poucas variações (em todos os textos) para a primeira do singular. Essa estratégia sugere que a voz daquele enunciador corresponde à voz do grupo ao qual ele pertence (3º. semestre do curso de Tradutor e Intérprete).

No ato de fala, para referir-se às pessoas do discurso de maneira precisa ou imprecisa, o falante utiliza formas de pronomes no singular ou no plural, as quais, às vezes, assumem

uma significação semântica ambígua. Entre essas formas de pronomes incluem-se, por exemplo, o pronome “nós” e sua variante “a gente”. As duas formas podem referir-se tanto à primeira pessoa do plural quanto à primeira pessoa do singular, sendo que “nós” significando “eu”, é mais comum à escrita do que à oralidade. Interessa aqui, justamente, a análise do uso de “nós” em situação de escrita, como exemplificam as passagens a seguir:

S1: “Nesse primeiro dia de aula falamos sobre os conceitos de língua, gramática, norma culta e norma padrão”. Este sujeito, em algumas passagens, apresenta a primeira pessoa do singular (“... e minhas expectativas em relação a essas aulas eram poucas:...”).

O emprego da primeira pessoa do discurso (nós) tanto pode referir-se ao enunciador, no caso S1, como plural de modéstia ou majestático, quanto pode se referir ao enunciador e aos outros sujeitos que se inscrevem no discurso (“eu mais eles”). Tendo em vista a situação que é relatada no memorial e o próprio contexto de produção, acreditamos que S1 intencionou a segunda opção, ou seja, fala em nome próprio e dos colegas que compõem o grupo do 3º semestre de Tradutor e Intérprete.

Vale lembrar que o gênero memorial pertence a uma comunidade discursiva, ou seja, uma coletividade que partilha das normas preestabelecidas. Dizer que o gênero de discurso é um contrato significa afirmar que ele é fundamentalmente cooperativo e regido por normas. Dessa maneira, infere-se que o uso desta estratégia da 1ª. pessoa do plural implica o coletivo. O enunciador, imaginariamente, leva em conta o enunciatário do texto que ele escreve, no caso o professor, e, assim, considera as condições de produção que o rodeiam.

Sabemos que o sujeito da enunciação faz uma série de escolhas linguísticas tendo em vista os efeitos de sentido que deseja criar. Ao analisarmos os memoriais, objetos deste estudo, constatamos que apenas S2 escreve todo o texto em primeira pessoa do singular, como exemplifica a passagem a seguir:

“Confesso que nunca me dei muito (advérbio de intensidade) bem com a disciplina de Língua Portuguesa, (...)”.

Ora, a produção do discurso em primeira pessoa, cria o efeito de subjetividade, pois traz a narração e a visão dos fatos segundo quem os viveu, impregnados de parcialidade. A escolha linguística deste sujeito evidencia uma maior aproximação entre o fato narrado e o seu destinatário, como que se esperasse uma atitude responsiva de seu leitor, a fim de que este concorde e vivencie o que relata em seu texto.

Devemos considerar a proposição de Brait (2002, p.148) “não é possível falar de gêneros sem pensar na esfera de atividades específicas em que eles se constituem e atuam, aí estão implicadas as condições de produção, de circulação e de recepção”. Assim, ressaltam-se a importância dos fatores (micro e macro) contextuais presentes nas relações sociais em que as enunciações são produzidas. O *ethos* discursivo de S2 caracteriza-se como um sujeito que tenta aproximar-se do leitor e de seus pares, assumindo a postura do outro face aos argumentos levantados na elaboração de seu memorial. O uso da primeira pessoa do singular, não configura, necessariamente, dano à encenação argumentativa, uma vez que o mesmo pode transmitir o *ethos* de alguém que se compromete com suas palavras, por exemplo, compondo uma eficaz estratégia discursiva.

O objetivo do discurso argumentativo é persuadir, demonstrando a validade do que é dito; as proposições obedecem ao princípio da não contradição e devem ser demonstradas por evidências empíricas ou lógicas.

Conforme definição de Perelman (1983), os argumentos pragmáticos são aqueles que permitem apreciar um ato ou acontecimento em função de suas consequências favoráveis ou desfavoráveis. O autor acrescenta que o argumento pragmático apoia-se em um acordo sobre o valor das consequências. Nos textos analisados, é perceptível a necessidade do estabelecimento desse acordo para que o enunciador tenha seus argumentos considerados como procedentes pelos interlocutores.

Vejamos, então, os argumentos utilizados pelos sujeitos, os quais manifestaram condutas e estratégias argumentativas para convencer o leitor, elaborando, em sua maioria, argumentos pragmáticos ou argumentos quase-lógicos.

Os sujeitos trouxeram as mais diferentes evidências, cada qual de acordo com a realidade deles, a fim de comprovar a tese proposta inicialmente pelo professor. O mais interessante de observar é que, de forma geral, fugiram do lugar comum, dos chamados “clichês”, o que fortaleceu o posicionamento deles em relação ao tema.

S3, por exemplo, inicia seu texto ressaltando a importância da indicação bibliográfica feita pelo professor. Segundo o sujeito,

Como um guia rápido e simples, com explicações diretas e exemplos que se encaixam no nosso dia a dia, esta bibliografia nos proporcionou (e ainda proporcionará) um maior entendimento da real importância da língua portuguesa como um todo.

Este sujeito acaba por construir sua imagem de um estudante de tradução e interpretação que está preocupado não só com o presente, como também com o futuro; caracteriza um *ethos* empreendedor, que vislumbra novos caminhos, novas possibilidades de fazer-se presente na realidade. Evidencia um *ethos* comprometido com todo o processo de formação inicial do futuro profissional da tradução e da interpretação. O uso dos verbos no pretérito perfeito e no futuro de presente do verbo “proporcionar”, no fragmento acima, sugere esta construção do *ethos* desse sujeito.

De acordo com Maingueneau (2008), o *ethos* pode ser deduzido a partir do dito, da maneira de dizer e se inscrever em uma cena discursiva. Na mesma linha, segundo Fiorin (2008, p. 139),

[...] o *ethos* explicita-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado. Portanto, a análise do *ethos* do

enunciador nada tem do psicologismo que, muitas vezes, pretende infiltrar-se nos estudos discursivos. Trata-se de apreender um sujeito construído pelo discurso e não uma subjetividade que seria a fonte de onde emanaria o enunciado, de um psiquismo responsável pelo discurso. O *ethos* é uma imagem do autor, não é o autor real; é um autor discursivo, um autor implícito.

À medida que os sujeitos relatam as atividades, o conteúdo, as experiências e as estratégias utilizadas pelo professor durante as aulas, fazem reflexões sobre a tese proposta, argumentando, sobretudo, a partir de exemplos. Nesse sentido, vale dizer que a “memória” constitui-se em uma crítica não só para o presente, como também ao passado, visando às alternativas de possíveis mudanças no futuro. E as passagens a seguir isso exemplificam:

S5 – A disciplina me proporcionou a oportunidade de ver e rever os pontos de língua portuguesa, que é tão importante para o trabalho do tradutor. Este memorial me fez refletir e revisar o que vimos durante o semestre.

S1: E nessa aula também falamos sobre frase nominal e verbal. O que chamou a nossa atenção sobre frase é que ela depende do contexto. Os professores até aqui nunca me falaram sobre isso.

Pelo registro dos sujeitos, observamos que eles não se ativeram somente ao relato; fizeram também considerações sobre os fatos. Na verdade, pactuamos com a ideia de que narrar exige um esforço de elaboração para tornar concretas as diversas experiências vividas por cada sujeito, através da história que se tece.

Há alguns marcadores discursivos que culminam nos pontos que o aluno/autor considera importante para a formação profissional:

“Este memorial me fez refletir e revisar o que vimos durante o semestre”, como aponta S5.

No texto de S1, assim como no de S5, a temporalidade oscilou entre o “antes” e o “agora” num movimento de reflexão sobre a importância do estudo da língua portuguesa; na

estruturação de sua frase, S1 evidenciou a subjetividade, deixando em aberto o posicionamento do aluno/autor quanto a aspectos fundamentais para a articulação de uma frase, que serviriam como base para sua argumentação.

S3 traz em seus argumentos a relação da língua portuguesa e a tradução, como demonstra a passagem:

(...) com ele (ao se referir ao processo de formação de palavras) aprendemos não apenas utilizar ‘por osmose’ as palavras dentro de uma frase, e sim a aplica-la de acordo com as regras gramaticais, visando ao efeito de sentido dentro do contexto em questão. Isso nada mais é do que o processo que se faz necessário na tradução...

Essa mesma associação – língua portuguesa e tradução – também é feita por S1:

O mais importante para nós futuros tradutores e intérpretes é que acabamos levando esses conhecimentos (quando S1 se refere aos conceitos gramaticais e à língua em uso) [4] para o inglês tanto em relação ao processo de formação de palavras, como exemplifica o sufixo ‘ly’ que indica advérbio na língua inglesa (...). Podemos não reconhecer as palavras, mas podemos fazer inferências pela posição ocupada na frase.

Pela fala dos sujeitos, é possível perceber que, durante as aulas de língua portuguesa, eles não perdem o foco na formação do tradutor e intérprete; caracterizam o *ethos* de sujeitos comprometidos com a formação inicial e com o próprio trabalho que desenvolverão na vida profissional futura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, procuramos discutir a constituição do *ethos* discursivo no texto argumentativo de alunos do curso de Tradutor e Intérprete, valendo-se do gênero textual Memorial.

Inicialmente, refletimos sobre os principais aspectos teóricos, recorrendo a Maingueneau, no que diz respeito ao *ethos* discursivo e a Koch, Marcuschi e Pécora, no tocante ao texto. Em relação ao gênero, recorreremos mais uma vez a Maingueneau e a Marcuschi, para explicitar seu conceito e suas características.

Observamos que, a partir do gênero memorial, o enunciador recorre à memória, que é pautada na continuidade, a qual está diretamente ligada à linguagem, dos significados constituídos socialmente. Ela é caracterizada pelos sujeitos num jogo de linguagem entre tempos e espaços, marcando uma permanente construção e interação social do passado no presente, do aqui e do lá. Na medida em que os sujeitos desta pesquisa foram trazendo à baila os fatos ocorridos em um determinado passado, eles se posicionavam criticamente, na tentativa de persuadir o enunciatário, procurando criar um efeito de verdade a partir da tese por aquele defendida.

Por meio dos argumentos trazidos nos memoriais analisados, foi possível estabelecer a constituição do *ethos* discursivo deles: um sujeito comprometido com o curso de formação inicial, em busca de aprimoramento dos estudos da linguagem, em especial, da língua portuguesa.

Os sujeitos procuraram exemplificar com fatos ocorridos durante as aulas e, nesse sentido, estabeleceram ligações com a aprendizagem no cotidiano da universidade e com o exercício profissional. O que nos faz recorrer, nessas considerações finais, a Certeau (1994), para quem a narração é a arte de dizer. Para o autor, a narrativa é uma forma de materializar o dizer, é uma “‘maneira de fazer’ textual com seus procedimentos e táticas próprias” (p. 141). A narração, assim como a memória, não é neutra; sua construção é influenciada por diversos fatores. Ela é uma re-construção que é re-pensada e refeita, com as imagens e ideias de hoje, como relata Magda Soares (1991).

As análises dos memoriais produzidos pelos sujeitos revelaram, principalmente, que eles trazem “naturalmente” tipos de argumentos consistentes que procuram persuadir o

interlocutor, exercitando um jogo de imagens entre passado, presente e futuro, articuladas por meio da linguagem; Deste modo, espera-se ter evidenciado que, ao produzir os textos, eles põem em prática condutas argumentativas interessantes e eficazes que mostram a constituição de *ethos* discursivo de um sujeito consciente da importância do estudo da linguagem não só para o exercício profissional como também para o trabalho do profissional de tradução e interpretação, como se logrou demonstrar neste artigo.

Cabe salientar, assim, que o ensino, independentemente de ser escola básica ou universidade, precisa levar o estudante a vislumbrar a apropriação do conhecimento linguístico, para que ele saiba utilizá-lo nas diferentes situações enunciativas concretas que vivencia. O aluno precisa avançar significativamente e reconhecer, por exemplo, as regularidades e irregularidades nas normas ortográficas, como também escrever e reescrever a sua produção textual, interagindo com o texto, com os colegas e com o professor, observando as características discursivas e linguísticas do gênero escolhido. Dessa forma, o futuro profissional terá condições de compreender como a língua funciona, como é organizada em textos, como elementos gramaticais servem para ligar palavras, frases, parágrafos, exercitando, persuadindo, produzindo efeitos de verdade em seus diferentes gêneros textuais.

REFERÊNCIAS

ARCOVERDE, M. D. de L. & ARCOVERDE, R. D. *Leitura, interpretação e produção textual*. Campina Grande/Natal: UEPB/UFRN, 2007.

BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

BENVENISTE, E. *Problemas de Linguística Geral* – volume I. 4. ed. Trad. Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Néri. Campinas: Pontes, 1995.

BRAIT, B. Interação, gênero e estilo. In: PRETI, D. (org.) *Interação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas, 2002.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

CHARAUDEU, P. & MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FIORIN, J. L. *Em busca do sentido: Estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. 5ªed., São Paulo: Cortez, 2002.

_____ *Cenas da Enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.

_____ A propósito do ethos. In: MOTTA, A. R. e SALGADO, L. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008 b), p. 11-29.

_____ *Discurso literário*. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, L.A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P., MACHADO, A. R. & BEZERRA, M. A. *Gêneros textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 19-36.

PÉCORA, A. *Problemas de redação*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de argumentação: a nova retórica*. Trad. de Maria Ermantina G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. Roxane Rojo e Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

SOARES, M. *Metamemória- memórias: travessia de uma educadora* - São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção educação contemporânea. Série memória da educação).

Sandro Luis da SILVA

Doutor em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). 2008. Mestre em Letras (Letras Clássicas) pela Universidade de São Paulo (2001). Graduado em Direito pela Faculdade de Direito de São Bernardo do Campo (1986), e graduação em Letras - Português Bacharelado - pela Universidade de São Paulo (1997), e licenciatura em Letras - Português - pela mesma Universidade (1997). Atualmente é Professor Adjunto concursado de

língua Portuguesa na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), curso de Letras. Professor adjunto concursado de Língua Portuguesa na Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.

NOTAS

[1] Esta citação foi retirada de uma obra publicada em 2005 e, por isso, o autor deste artigo manteve a escrita original, sem as adequações ao Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

[2] Nos limites deste trabalho, estaremos adotando a nomenclatura de enunciador, que, segundo Ducrot, é a figura responsável pela produção de sentidos no enunciado, que mostra o ponto de vista de onde se posiciona o locutor.

[3] Os sujeitos da pesquisa serão designados por S1, S2, sucessivamente.

[4] Os parênteses utilizados neste trecho indicam ser uma observação feita pelo autor deste artigo.